

Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor

Attitudes and Beliefs about Love: Brazilian Version of The Love Styles Scale

Alexsandro Luiz de Andrade¹; Agnaldo Garcia²

Universidade Federal do Espírito Santo

Abstract

This research presents the psychometric properties and indicators of factorial validity related to the Brazilian version of love styles scale - LAS. The purpose of this measure is to evaluate six cognitive dimensions of romantic love, according to the theory proposed by John Lee: *Eros*, *Storge*, *Ludus*, *Mania*, *Pragma* and *Agape*. Five hundred and nine people of both sexes took part on the study, 222 of whom were men (43,6%) and 287 were women (56,4%). Mean participant age was 27,9 years old (SD = 9,6) for the male group and 26,4 years (SD = 8,5) for the female group. Participants answered to an online version of the original 42-item Likert scale that had been translated to Portuguese. Exploratory factor analysis results demonstrated consistency on the scale's six dimension structure, and independence among the resulting factors. Scales' Cronbach alpha reliability coefficient ranged from 0,55 to 0,81, indicating the viability to use that measure.

Keywords: Interpersonal relationships, love styles, psychometric scales.

Resumo

Esta pesquisa apresenta as propriedades psicométricas e os indicadores de validade fatorial da versão brasileira da escala de estilos de amor - LAS. O objetivo da medida é avaliar seis dimensões cognitivas do amor romântico, segundo a teoria proposta por John Lee: *Eros*, *Storge*, *Ludus*, *Mania*, *Pragma* e *Agape*. Participaram do estudo 509 pessoas de ambos os sexos, sendo 222 homens (43,6%) e 287 mulheres (56,4%). A idade média dos participantes foi de 27,9 anos (DP = 9,6) para o grupo masculino e de 26,4 anos (DP = 8,5) para o grupo do sexo feminino. Os participantes responderam uma versão online traduzida para o português da escala original com 42 itens, disposto no formato de escalas do tipo Likert. Os resultados da análise fatorial exploratória demonstram consistência na estrutura com seis dimensões da escala, e interdependência entre os fatores resultantes. O coeficiente de confiabilidade alfa de Cronbach das escalas variou de 0,55 a 0,81, indicando viabilidade para uso desta medida.

Palavras-chave: relações interpessoais, estilos de amor, escalas psicométricas.

¹ Alexsandro Luiz de Andrade é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Endereço para contato: Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória/ES, Brasil, CEP 29075-910. E-mail: alexsandro.deandrade@yahoo.com.

² Agnaldo Garcia é professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Relacionar-se de maneira romântica é um componente da vida de quase todas as pessoas e de todas as formas de cultura espalhadas pelo mundo. Os fenômenos de natureza romântica são também assunto de diversos livros de auto-ajuda, literatura e filmes, e longe do papel de destaque nos meios midiáticos, os relacionamentos desta natureza ocupam um papel relevante na constituição dos relacionamentos interpessoais, no desenvolvimento dos indivíduos e proporcionam alguns dos sentimentos mais intensos e almejados no curso da vida de um ser humano adulto.

O amor, do ponto de vista científico, configura-se como um objeto de grande interesse entre os psicólogos e pesquisadores sociais, e nas últimas décadas tem se tornado um tema de forte interesse no campo de estudos da ciência psicológica (Hendrick & Hendrick, 1988; Sternberg; Weis, 2006; Mosmann, Wagner & Feres Carneiro, 2006; Wachelke, De Andrade, Souza & Cruz, 2007, Cassepp-Borges & Teodoro, 2007).

Dentro da perspectiva científica, um número abrangente de teorias foram e estão sendo propostas na tentativa de conceituar e explicar o emaranhado de variáveis relativas a esta modalidade de relacionamento interpessoal (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006; Hazan & Shaver, 1987; Alferes, 2000; Sánchez-Aragón, 2006; Kenrick, 2006; Buss, 2006). Como observa Garcia (2005), a temática possui quatro enfoques principais: os processos gerais, apego, ciúme-infidelidade e saúde-violência. Além destas, o próprio autor afirma que outras combinações são possíveis. Como destacam Sternberg e Weis (2006), existem teorias que enfocam tanto o aspecto biológico e evolutivo do relacionamento amoroso, quanto os componentes de natureza social e cultural.

Contando com as mais diversas abordagens, um eixo comum de estudo e pesquisa relativo ao fenômeno ainda não é possível. Segundo Weis (2006), apesar do extenso número de teorias e pesquisas, compostas por métodos e focos temáticos diferentes, essas distintas abordagens possuem um caráter complementar entre si, não sendo suficiente apenas uma teoria para o entendimento de um fenômeno de tal complexidade.

Entre as mais importantes teorias sobre a natureza do amor romântico, encontram-se os estudos clássicos, como o proposto pela teoria dualista do amor (Berscheid & Hatfield, 1969; Berscheid, 2006), a teoria tipológica do amor de Lee (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006), a teoria triangular do amor de Sternberg (1986; 2006), a teoria do apego e o amor romântico (Hazan & Shaver, 1987), e outras

abordagens focadas na dimensão biológico-evolutiva dos relacionamentos de casal (Kenrick, 2006; Buss, 2006).

A teoria tipológica do amor é foco da presente pesquisa, a qual possui por objetivo apresentar os dados de validação e fidedignidade da escala original de Hendrick e Hendrick (1986) para o idioma português do Brasil. A importância em se validar instrumentos de mensuração, considerando-se as características sócio-culturais da população, é uma necessidade reconhecida tanto da perspectiva da comercialização de testes e escalas psicológicas, quanto da dimensão ligada à pesquisa.

De acordo com Pasquali (2003, p. 162), a dimensão validade corrobora para legitimação da representação comportamental do item em relação ao traço que o mesmo pretende medir, e desta forma para o processo de generalização de uma teoria para outra cultura, diferente de onde a mesma foi reconhecida. Por sua vez, o aspecto fidedignidade revela o grau de precisão e erro do escore, do instrumento aplicado em determinado indivíduo (Urbina, 2007). Assim sendo, tanto a dimensão validade quanto fidedignidade são condições a serem perseguidas e atingidas para o uso adequado de instrumentos de medida psicológicos em seus diferentes contextos.

A escala de estilos de amor de Hendrick e Hendrick (1986) baseou-se na teoria original “As Cores do Amor” de John Alan Lee (1973; 1976). A teoria propõe uma taxonomia para o amor romântico, tomando como base uma série de análises da literatura romântica, em conjunto com complexos procedimentos de entrevistas (*Love Story Card Sort*) e uma variedade de questionários e medidas. Na perspectiva original da teoria, os estilos de amor revelariam ideologias sobre o relacionamento amoroso (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006).

A escala original de estilos de amor - *Love Styles Scale - LAS* (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006; Hendrick, Hendrick & Adler, 1988; Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998), mensura aspectos ligados ao sistema de crenças e atitudes individuais, por meio de 42 itens, divididos equivalentemente em seis dimensões, que incluem no seu núcleo aspectos ligados a variáveis emocionais e traços de personalidade. Além dessas variáveis, os estilos de amor também estão relacionados a aspectos da interação sócio-comportamental do casal, que possuem influência direta na formação do vínculo, a avaliação da qualidade do relacionamento e a outros aspectos da natureza do indivíduo e do casal.

Considerados no âmbito de uma teoria psicológica dos relacionamentos amorosos, os estilos de amor são entendidos diretamente como o componente cognitivo

individual do fenômeno amoroso (De Andrade, Sáchez-Áragon & Wachelke, 2007). A partir desta premissa é possível afirmar que cada pessoa ao responder a escala, gera um perfil no conjunto dos seis estilos mensurados pela LAS. Os estilos de amor são independentes uns dos outros, sendo que o indivíduo pode alterar seu perfil pessoal com tempo e segundo o momento da vida ou tipo de relacionamento que possui (Hendrick & Hendrick, 2006).

As escalas de estilo de amor mensuram seis construtos caracterizados da seguinte maneira:

1. *Eros*: estilo de amor erótico, marcado por intensa emocionalidade e valorização de atributos de ordem física e sexual na interação conjugal.

2. *Ludus*: tipo de amor manipulativo, marcado por jogos entre parceiros. O indivíduo que possui um estilo de amor predominante em *Ludus* interage dentro do relacionamento de maneira mais descomprometida, faz da interação conjugal um “jogo”.

3. *Storge*: caracterizado por um estilo de relacionamento mais amigável e companheiro. As pessoas que carregam forte nesta dimensão atribuem a seus parceiros fortes representações de amizade.

4. *Pragma*: o indivíduo característico deste estilo opera mais no nível racional do que no emocional, possui um estilo de relacionamento mais lógico e calculista.

5. *Mania*: estilo de amor de maior intensidade. As pessoas que carregam elevadas pontuações nestas dimensões vivem a experiência romântica de maneira muito intensa, possessiva e irreal. É um amor considerado imaturo e não saudável.

6. *Agape*: é o estilo amoroso altruístico, muito raro de ser manifestado individualmente, é um amor caracterizado pela doação excessiva pelo companheiro de relacionamento.

Diversos estudos em culturas distintas encontram resultados semelhantes ao dos autores da versão original da escala *LAS* (Kanema, Taniguchi & Daibo, 2004; Sánchez-Aragón, 2006; Hendrick & Hendrick, 2006; De Andrade et al., 2007) aspecto que colabora para a hipótese da universalidade da estrutura dos estilos de amor.

O uso da *LAS* é encontrado em associação ao estudo de outros construtos. No trabalho de White, Hendrick e Hendrick (2004), são demonstradas associações entre variáveis de personalidade, mensuradas pelos modelos dos cinco fatores, e os seis estilos de amor mensurados pela *LAS*. Em Collins e Read (1990), é estudada a relação do estilo de amor com aspectos ligados à formação do apego e à qualidade do relacionamento amoroso. Em Contreras, Hendrick e Hendrick (1996) são encontrados indícios significativos entre os estilos de amor mais apaixonados, como *Mania* e *Eros*, e um grau elevado na avaliação de satisfação com o relacionamento de casal.

Esta pesquisa teve como objetivo principal a validação da escala de Estilos de Amor de Hendrick e Hendrick (1986), para seu posterior uso em pesquisas dentro do Brasil no campo dos relacionamentos interpessoais e românticos. A seguir são apresentados os dados gerais sobre a validação da presente medida.

Método

Participantes

Os critérios básicos sobre o perfil e número de participantes em pesquisas que envolvem a construção e validação de escalas consideram uma representatividade ideal da amostra de 5 a 10 participantes por item. Quando a medida é desenvolvida para um contexto geral, como é o caso do presente estudo, é desejado que a amostra seja a mais próxima possível das características sociais, culturais e psicológicas da população estudada (Pasquali, 1999).

Visando atender este pré-requisito, a presente pesquisa contou com um total de 509 participantes, sendo 222 homens (43,6%) e 287 mulheres (56,4%), com idade média de 27,9 anos (DP = 9,6 anos) para o grupo do sexo masculino e de 26,4 anos (DP = 8,5 anos) para o grupo feminino. Entre os participantes, 28,1% afirmaram não possuir nenhum relacionamento formal no momento da pesquisa, 17,1% declaram possuir

algum tipo de relacionamento informal, 25,1% afirmaram possuir relacionamento do tipo estável com até 3 anos e 29,7% relacionamento estável superior a 3 anos de duração.

Dos participantes, 82,5% possuíam ensino superior incompleto ou completo. Os As unidades da federação que tiveram maior número de participantes foram os seguintes: São Paulo (117), Santa Catarina (91), Rio de Janeiro (71), Minas Gerais (44), Paraná (41), Distrito Federal (22), Pernambuco (20), Rio Grandes do Sul (18) e demais estados (85).

Instrumentos

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um formulário acessado via internet, similar a um questionário impresso, adaptado para ser respondido por meio de um programa navegador da *World Wide Web*, tal como Internet Explorer ou Firefox. A primeira página do formulário informava a Universidade à qual o autor encontrava-se vinculado, o nome do pesquisador responsável e uma explicação sobre o tema da pesquisa. Sequencialmente, clicando em um campo denominado “avançar” o participante avançava para uma nova página com instruções adicionais esclarecendo que a participação era voluntária, bastando ao participante sair do sítio de internet para que seus dados não fossem incluídos. Por fim, mencionava-se a participação anônima do indivíduo e a posterior divulgação das informações, junto a meios científicos, tal como é padrão em termos de conduta ética em pesquisas com seres humanos. Clicando “avançar” mais uma vez, o formulário final era apresentado. Para responder as questões era necessário assinalar clicando com o mouse ou com o teclado, os campos no formato de botões e escolher opções em caixas.

A parte principal do instrumento constituiu-se de uma versão traduzida para o português da versão original da *LAS* publicada por Hendrick e Hendrick (1986). A medida foi traduzida por um tradutor bilíngüe com formação em psicologia. A medida no conjunto possuiu um total de 42 itens distribuídos igualmente entre os seis estilos de amor. As escalas possuíam intervalos de 5 pontos ancorados nos extremos pelas expressões “discordo fortemente” e “concordo fortemente”. Outros itens de identificação demográfica e de caracterização, tais como sexo, idade, profissão e local de residência também foram acrescentados.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados em comunidades da rede de relacionamentos Orkut. Por meio desta, o pesquisador visualizava os indivíduos associados, e enviava convites individuais para participação na pesquisa, através de mensagens na opção recados do Orkut³. O período de coleta de dados foi de três meses e as respostas dos participantes foram armazenadas em uma base de dados no provedor em que estava hospedado o formulário.

Com objetivo de sustentar a validade da coleta realizada, estratégias de programação foram tomadas para assegurar o correto preenchimento do instrumento: os participantes recebiam mensagens de erro, caso tentassem enviar suas respostas com questionário incompleto. Com este procedimento apenas os questionários preenchidos completa e corretamente foram submetidos ao pesquisador. Outra ação sugerida por De Andrade e Wachelke (2006) em pesquisa psicológica via internet, foi o registro de IP, data e hora de preenchimento de cada formulário, o que permitiu a eliminação de dados enviados de um mesmo computador, não permitindo mais de uma vez a participação dos mesmos indivíduos.

Em conformidade com as normas do Conselho Nacional de Saúde, o estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi aprovado sob o protocolo de número 84/06.

Análise de dados

O programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 13.0 foi utilizado para realizar as análises estatísticas. Inicialmente, realizaram-se cálculos de estatística descritiva para os itens da Escala de Estilos de Amor. Na sequência, com objetivo de verificar a estrutura dimensional da escala e adequação dos dados para procedimentos mais complexos, partiu-se para procedimentos de análise exploratória, análise paralela e análise do gráfico scree plot. Concluiu-se com procedimentos de análise fatorial com rotação do tipo *varimax*, e foram determinados os índices de confiabilidade alfa de Cronbach para os itens da mesma.

³ www.orkut.com

Resultados

A análise dos componentes principais demonstrou adequação dos dados para análise fatorial e número de fatores a serem extraídos (Pasquali, p. 62, 2005). O KMO obteve o valor de 0,77 e o teste de esfericidade de Bartlett teve o resultado de 5344,745 (gl = 861; $p < 0,001$), resultados que possibilitam o emprego da análise fatorial. O método do gráfico de sedimentação juntamente com análise paralela (Hair, Anderson, Tatham, Black, 2005; Pasquali, 2005), indicou a extração de seis fatores como o modelo mais adequado para a matriz de dados, explicando 42% da variância total.

Na seqüência, procedeu-se à extração com método de fatoração do eixo principal, com rotação nos fatores do tipo varimax e cálculos de coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach). A rotação ortogonal do tipo varimax foi utilizada pois permitia maior simplicidade da matriz de dados, implicando a possibilidade de replicação dos resultados encontrados em estudos futuros e também pelo fato de ter sido o método escolhido pelos autores na primeira versão da escala (Hendrick & Hendrick, 1986) Os itens com carga fatorial inferior a 0,3 foram excluídos da solução fatorial final.

A tabela 1 apresenta os itens distribuídos nos fatores e suas respectivas cargas fatoriais. O fator 1, representando o construto *Ágape* contou ao seu final com 6 itens. Já o fator 2 (*Mania*), o fator 3 (*Eros*), e o fator 4 (*Pragma*), contaram com 7 itens cada um e por fim os o fatores 5 (*Storge*) e o fator 6 (*Ludus*), tiveram um total de 5 itens cada.

Dos 42 itens iniciais adaptados para o português, cinco foram excluídos após o procedimento fatorial, por não atingirem carga fatorial maior que 0,3 no respectivo fator. Foram eles: “Tento sempre ajudar meu parceiro (a) a passar por momentos difíceis” (fator original *Agape*); “Consigo superar casos de amor rápido e facilmente” (fator original *Ludus*); “Acredito que o que meu parceiro (a) não sabe sobre mim não irá machucá-lo” (fator original *Ludus*); “O amor genuíno requer um pouco de cuidado” (fator original *Storge*); “Espero sempre ter amizade com a pessoa que amo” (fator original *Storge*).

Tabela 1. Solução fatorial final e distribuição dos itens por fator

Itens	Fatores					
	F1	F2	F3	F4	F5	F6
Não consigo ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro (a) antes da minha	,72					
Geralmente estou disposto a sacrificar meus desejos para deixar meu parceiro (a) realizar os seus	,72					
Eu preferiria sofrer que deixar meu parceiro (a) sofrer	,67					
Eu resistiria a todas as coisas por meu parceiro (a)	,62					
Tudo que tenho pode ser usado por meu parceiro (a) como ele (a) quiser	,54					
Quando meu parceiro (a) fica bravo comigo, ainda o (a) amo completa e incondicionalmente	,46					
Às vezes fico tão empolgado por estar apaixonado que não consigo dormir		,62				
Quando meu parceiro (a) não presta atenção em mim, sinto-me mal		,61				
Quando estou apaixonado, tenho problema para me concentrar nas outras coisas		,61				
Não consigo relaxar se suspeito que meu parceiro (a) esta com outra pessoa		,57				
Se meu parceiro (a) me ignora por um tempo, às vezes faço coisas estúpidas para conseguir sua atenção de novo		,52				
Quando um caso de amor termina, fico tão deprimido que até já pensei em suicídio		,47				
Quando as coisas não estão bem entre meu parceiro (a) e eu, sinto dores de estômago		,42				
Sinto que meu parceiro (a) e eu fomos feitos um para o outro			,73			
Meu parceiro (a) e eu temos a "química" certa entre nós			,72			
Fazer amor com meu parceiro (a) é algo muito intenso e satisfatório			,57			
Meu parceiro (a) e eu realmente entendemos um ao outro			,54			
Meu parceiro (a) se encaixa nos meus ideais de beleza			,4			
Meu parceiro (a) e eu nos envolvemos emocionalmente rapidamente			,40			
Meu parceiro (a) e eu nos sentimos atraídos um pelo outro imediatamente depois de nos conhecermos			,39			
Uma consideração ao escolher um parceiro (a) é como ele (a) vai refletir na minha carreira				,69		
Antes de me envolver com alguém, tento pensar no quão compatível a sua bagagem hereditária é com a minha caso tenhamos filhos				,60		
Um fator importante na escolha de um parceiro (a) é se ele (a) será um bom pai ou mãe				,55		
Uma consideração principal ao escolher um parceiro (a) é como ele (a) reflete na minha família				,53		
Tento planejar minha vida cuidadosamente antes de escolher um parceiro				,53		
Considero o que uma pessoa vai se tornar na vida antes de me comprometer com ela				,46		
É melhor amar alguém de um contexto semelhante				,44		
Meus relacionamentos de amor mais satisfatórios se desenvolveram a partir de boas amizades					,74	
O melhor tipo de amor surge de uma longa amizade					,74	
Nossa amizade fundiu-se gradativamente em um amor com o tempo					,63	
O amor é na verdade uma amizade profunda, não uma emoção mística e misteriosa					,54	
É difícil saber onde termina a amizade e começa o amor					,31	
Gosto de jogar o "jogo do amor" com vários parceiros (as) diferentes						,58
Algumas vezes tive que evitar que dois de meus parceiros (as) descobrissem algo um sobre o outro						,50
Quando meu parceiro (a) fica muito dependente de mim, prefiro distanciar-me um pouco						,39
Meu parceiro (a) ficaria desapontado (a) se ele (a) soubesse de algumas coisas que fiz com outras pessoas						,38
Tento manter meu parceiro (a) um pouco incerto sobre meu comprometimento com ele (a)						,35

A tabela 2, por sua vez, apresenta a distribuição das médias, desvio padrão, variância explicada dos fatores, coeficiente de confiabilidade e número final de itens por escala. A variância total explicada pelo seis fatores foi de 42 % e os coeficientes alfa de Cronbach variaram de 0,74 a 0,81 nos cinco primeiros fatores, valores considerados de moderado a bom, O fator 6 (*Ludus*), obteve um alfa de 0,55, valor abaixo dos demais, mas considerado aceitável para estudos iniciais de adaptação e validação de escalas psicométricas (Nunally, 1978).

Tabela 2. Dados descritivos dos fatores e índices de confiabilidades alfa de Cronbach das escalas

Fator	N	Total de itens	Média	DP	Variância explicada (%)	Alfa de Cronbach
<i>Agape</i>	509	6	3,11	0,93	10,80	0,81
<i>Mania</i>	509	7	3,07	0,90	8,40	0,76
<i>Eros</i>	509	7	3,75	0,80	7,50	0,75
<i>Pragma</i>	509	7	2,95	0,84	6,23	0,75
<i>Storge</i>	509	5	2,79	1,00	4,40	0,74
<i>Ludus</i>	509	5	2,32	0,84	4,30	0,55

Para verificar-se a hipótese teórica de interdependência das escalas entre si, conforme sugere a teoria original (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006), calculou-se o grau de correlação entre as seis escalas resultantes. Foram encontradas correlações significativas entre alguns fatores: *Mania* e *Agape*; *Eros* e *Agape*; *Storge* e *Agape*; *Ludus* e *Agape*; *Mania* e *Pragma*; *Mania* e *Ludus*; *Eros* e *Ludus*; *Pragma* e *Storge*; e *Storge* e *Ludus*. No entanto, todas as correlações foram consideradas fracas ($r < \pm 0,30$, $p < 0,001$) (Dancey & Reidy, 2006), não invalidando a hipótese de interdependências das escalas.

Visando verificar o aspecto relacionado à validade de critério das escalas resultantes, a qual pressupõe a capacidade de distinção do instrumento de medida segundo alguma variável pré-estabelecida pelo pesquisador, foi calculado o teste *t*, considerando-se a variável “estar apaixonado atualmente” como variável fixa. O valor obtido demonstrou diferenças significativas nos fatores *Agape* ($t = 4,9$, $p < 0,001$), *Eros* ($t = 8,6$, $p < 0,001$), *Mania* ($t = 3,3$, $p < 0,001$) e *Ludus* ($t = 4,1$, $p < 0,001$) para aqueles que declararam estar apaixonado no momento em relação aos que não declararam. Para

os fatores *Storge* ($t = 0,51$, $p < 0,001$) e *Pragma* ($t = 0,21$, $p < 0,001$) não foram obtidas diferenças significativas.

Discussão

Retomando o objetivo principal deste estudo, é possível afirmar com base nos dados encontrados a partir do conjunto de análises que a versão da Escala de Estilo de Amor possui bons parâmetros que garantem sua validade de construto e confiabilidade para aplicação em pesquisas via internet numa amostra brasileira. Tomando os devidos cuidados, como o não uso dos itens excluídos e uma verificação do grau de consistência e dimensionamento da escalas, aspecto atingido por um procedimento fatorial confirmatório e novos cálculos de confiabilidade, por exemplo, a mesma apresenta indicadores positivos para uma futura utilização em estudos do tipo lápis/papel junto a amostras convencionais presenciais.

Do ponto de vista teórico, os resultados da análise paralela, juntamente com a análise do gráfico de sedimentação, identificaram claramente a estrutura dimensional de seis fatores ou construtos sobre os estilos amorosos ou dimensões cognitivas, ligados a crenças e atitudes do indivíduo sobre o amor. Esses resultados assemelham-se à versão original da escala validada por Hendrick e Hendrick (1986) e diversos outros trabalhos que utilizaram a medida em países como Portugal, Japão e México (Neto, 1994; 1998; Kanemasa, Taniguchi & Daibo, 2004; Sánchez-Aragón, 2006). Outro aspecto similar aos fundamentos gerais da teoria diz respeito à interdependência entre os fatores, verificados pelas poucas e fracas correlações entre os fatores resultantes.

Sobre a validade de critério, é inconsistente afirmar o alcance de tal fundamento até o momento, apenas com a análise comparativa entre aqueles que se declararam apaixonados no momento da pesquisa e os que não o fizeram. De qualquer forma, as diferenças verificadas entre os grupos possibilitam verificar indicativos iniciais da capacidade discriminante da medida frente a características sócio-demográficas e psicológicas dos participantes.

Dentro do aspecto específico da confiabilidade, avaliados por meio do coeficiente de fidedignidade alfa de Cronbach, no conjunto de escalas, cinco atingiram índices considerados bons e aptos para utilização sem restrição (Nunnally, 1978) valores que variaram de 0,74 a 0,81. A exceção foi a escala *Ludus*, apresentando alfa de

Cronbach 0,55, valor apenas regular, mas admissível em estudos que utilizam versões traduzidas de escalas de outras culturas (Gouveia, 2002).

Os cinco itens excluídos por não terem carga fatorial suficiente em seus respectivos fatores, não parecem adequados para uso dentro da estrutura semântica que se encontram atualmente. Uma reformulação no conteúdo desses itens e um estudo com um nicho de população mais específico poderá possibilitar seu melhor desempenho, bem como maiores índices de fidedignidades das respectivas escalas.

Por fim, esta pesquisa vem ao encontro da necessidade cada vez maior de instrumentos psicométricos validados para o contexto sócio-cultural brasileiro, especificamente quanto ao estudo dos fenômenos da esfera dos relacionamentos interpessoais em nosso país. Sobre a metodologia empregada com consulta de participante via internet, esta não configura uma novidade, e sim uma realidade com limitações, vantagens e resultados que muito se assemelham aos tradicionais estudos com *surveys* em formato lápis-papel (Reips, 2000; De Andrade & Wachelke, 2006; Joly & Noronha, 2006). Sobre o estudo dos fenômenos românticos possibilidades ainda não exploradas envolvendo as matrizes teóricas das teorias sobre o amor romântico, e especificamente das tipologias do amor de Lee, precisam de maior esforço e empenho dentro da psicologia social brasileira. Assim, espera-se que este estudo sirva de base e motivação para novos empreendimentos científicos com outros componentes dos relacionamentos românticos, tais como satisfação, apego, respeito, fidelidade, amizade, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- Alferes, V. R. (1996). Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 125-158). Lisboa: Fundação Calouste.
- Berscheid, E. (2006). Searching for the Meaning of “Love”. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 171-183). London: Yale University Press.
- Berscheid, E. & Hatfield, E. (1969). *Interpersonal Attraction*. New York: Addison-Wesley.
- Buss, D. M. (2006). The Evolution of love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 65-86). London: Yale University Press.
- Cassep-Borges, V. & Teodoro, M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangula do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 513-522.
- [Collins, N. L.](#) & [Read, S. J.](#) (1990). [Adult Attachment. Working Models and Relationship Quality in Dating Couples.](#) *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.

- Contreras, R. Hendrick, S. S. Hendrick, C. (1996). Perspectives on marital love and satisfaction in Mexican American and Anglo-American couples. *Journal of Counseling and Development*, 74, 408 – 415.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- De Andrade, A. L. Sánchez-Aragón, R. & Wachelke, J. F. R. (2007). Validade Fatorial da Escala de Estilos de Amor. In: Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Psicologia, Florianópolis. *Anais de Congresso*, Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Garcia, A. (2005). Relacionamento Interpessoal: Uma área de investigação. In: A. Garcia (Eds.), *Relacionamento Interpessoal: Olhares diversos* (pp.7-28). Vitória: Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFES.
- Gouveia, V. V. Singelis, T. M. & Coelho, J. A. P.M. (2002). Escala de Auto-Imagem: comprovação da sua estrutura fatorial. *Avaliação. Psicológica*, 1, 49-59.
- Hair, J. F. Jr. Anderson, R. E. Tatham, R. L. & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. S. Styles of Romantic Love (2006). In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 149-170) London: Yale University Press.
- Hendrick, C. Hendrick, S. S. & Adler, N. L. (1988). Romantic relationship: Love, satisfaction, and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 980-988.
- Hendrick, C. Hendrick, S. S. & Dicke, A. (1988). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personality Relationships*, 15, 147-159.
- Joly, M. C. R. A. & Noronha, A. P. P. (2006). Reflexões sobre construções de instrumentos Psicológicos informatizados. In: A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos & F. F. Sisto (Eds.), *Facetas do fazer em Avaliação Psicológica* (pp. 95-105). São Paulo: Vetor.
- Kanemasa, Y., Taniguchi, J. & Daibo, I. (2004). Love styles and romantic love experiences. *Social Behavior and Personality*, 32, 265-282.
- Kenrick, D. T. (2006). A Dynamical Evolutionary of View of Love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 15-34). London: Yale University Press.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. *Revista Paidéia*, 16, 315-325.
- Neto, F. (1998). Atitudes em relação ao amor. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 263-279.
- Neto, F. (1994). Love Styles Among Portuguese Students. *The Journal of Psychology*, 128, 613-616.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill.
- Pasquali, L. (2005). Extração de Fatores. In: L. Pasquali (Eds.), *Análise Fatorial para Pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Pasquali, L.(1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM / IBAP.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.

- Pérez, C. (2001). *Técnicas Estadísticas com SPSS*. Madrid: Prentice Hall International.
- Reips, U. D. (2005). The web experiment method: advantages, disadvantages, and solutions. In M. H. Birnbaum (Eds.), *Psychological experiments on the internet*. (pp. 89-117). San Diego: Academic Press.
- Sánchez-Aragón, R. (2006). Mexican Love Styles. In: A. Garcia (Ed.), *Personal Relationships: International Studies* (pp. 64-77). Vitória: Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal da UFES.
- Sternberg, R. J. & Weis, K. (2006). *The New Psychology of Love*. London: Yale University Press.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Wachelke, J. F., De Andrade, A., L. Souza, A. M. & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Revista Psico-USF*, 12(2), 221 – 225.
- White J. K. Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences*, 37, 1519-1530.

Received: April 5th, 2009

Revision Received: June 18th, 2009

Accepted: June 30th, 2009